



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**HISTORIADORES EM COMUNICAÇÃO: CARTAS TROCADAS
ENTRE POSSIDÔNIO QUEIROZ E ANITA PRESTES**

Francisco Alcides do Nascimento*

Cartas que são crônicas, crônicas que são cartas, crônicas
e cartas em série que podem ser lidas como folhetins ou
diários.

Ângela Maria de Castro Gomes

Quando fiz a inscrição para este simpósio estava escrevendo um artigo cujas fontes eram crônicas escritas por intelectuais radicados em Teresina, crônicas que tratavam, em sua maioria, do cotidiano da cidade. Concomitante, manuseava documentos, em especial, cartas encontradas no arquivo privado de Possidônio Queiroz, um intelectual radicado em Oeiras, cidade localizada ao Sul da capital, a 340 quilômetros desta. Tais fontes tinham me levado a um texto de Ângela de Castro Gomes, do qual extraí a epígrafe desta comunicação. Reverbera a professora que “cartas que são crônicas, crônicas que são cartas, crônicas e cartas em série que podem ser lidas como folhetins ou diários”¹. A autora lista quatro fontes com as quais podemos construir uma narrativa historiográfica, e constituem ao que ela chamou de escrita de si.

* Professor Associado IV. Departamento de Geografia e História / Universidade Federal do Piauí.

¹ Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freire. GOMES, Ângela de Castro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005. p. 10.

As referidas cartas foram trocadas entre Possidônio Queiroz e Anita Leocádia Prestes. Antecipo que “[...] ainda são pouco frequentes os trabalhos de pesquisas históricas que concentram a exploração da escrita de si. [...] tal documentação apenas mais recentemente foi considerada fonte privilegiada e, principalmente, tornada, ela mesma, objeto de pesquisa histórica.”² Outra motivação inicial relaciona-se ao fato de uma professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro e filha de Luís Carlos Prestes ter se correspondido com um intelectual que morava em uma pequena cidade, localizada no sertão do Piauí. Não podemos esquecer, entretanto, de que o historiador seleciona seus dados “em função de seu interesse em um determinado evento ou em um ato individual que responde intencionalmente às circunstâncias. A evidência é escolhida mais pelo que ela pode nos dizer sobre esse determinado evento ou ato individual do que pelo que possa explicar sobre quaisquer outros eventos de que categorias mais gerais e abrangentes.”³

O número de cartas trocadas entre Possidônio e Anita Prestes não é grande, o que não significa necessariamente que a quantidade de missivas trocadas entre os dois se resume a servirem de suporte para esta narrativa. “Mas o que se deseja aqui ressaltar é que a correspondência de intelectuais, independentemente de sua abundância, é, com certeza, um dos produtos marcantes no conjunto da obra de um autor.”⁴

Possidônio Queiroz se correspondeu com muitos intelectuais, como é o caso de Arimatéa Tito Filho, presidente da Academia Piauiense de Letras, Francisco Cunha e Silva, e Bugyja Brito, ambos também pertencentes à APL. Este último, embora fosse de Oeiras, morava no Rio de Janeiro; Miridan, Knox, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que sempre contou com o apoio de Possidônio na realização de pesquisas, como atestam cartas remetidas pela professora ao seu colaborador.

José Expedito Rêgo, companheiro de Possidônio em muitas jornadas intelectuais, em ensaio de 1995, caracteriza-o como:

Sábio, autodidata, leitor compulsivo, estudioso da história de Oeiras, mas dominava também aspectos daquilo que alguns historiadores e

² Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freire. GOMES, Ângela de Castro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005. p. 10.

³ MUNSLOW, Alun, **Desconstruindo a história**. Trad. de Renata Gaspar Nascimento. Petrópolis, Rj: Vozes, 2009.p 13.

⁴ MUNSLOW, Alun, **Desconstruindo a história**. Trad. de Renata Gaspar Nascimento. Petrópolis, Rj: Vozes, 2009.p 13.

antropólogos chamam de história popular e outros chamam de folclore (lendas, tradições, anedotas, costumes antigos), amante da terra berço.⁵

Mas nenhum daqueles que escreveu sobre o nosso personagem lembrou-se de outra faceta da vida de Possidônio: gostava de escrever cartas.

Apesar de Possidônio Queiroz ter primado pela organização das correspondências enviadas e recebidas em pastas colecionadores, foram localizadas, nas pesquisas realizadas até o momento, cartas fora daquela organização. Acrescente-se, tomando como suporte Ângela de Castro Gomes, que “[...] a atividade epistolar era uma prática disseminada e exercida com afincos e prazer pela maioria deles, [intelectuais] que não só escrevia muitas e muitas cartas, com se aplicava a guardar as que recebia, para alegria dos pesquisadores que hoje sobre se debruçam.”⁶

Queiroz ganhou notoriedade em Oeiras, por ser o narrador dos grandes acontecimentos relacionados à história desta cidade, dos pequenos acontecimentos de seu cotidiano, e do Piauí. Neste caso, “Possi” nos lembra do cronista ao qual se reportou Walter Benjamin, quando registrou que “[...] narra os acontecimentos sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história.”⁷

Philippe Artières (1998), ao dissertar sobre modos e práticas dos franceses de “arquivar a própria vida”, nos lembra de uma prática de Possidônio Queiroz. Ao trabalhar com o arquivo privado deste intelectual, localizei muitas pastas com variados tipos de papéis. Cito, como exemplo, as cartas às quais já nos reportamos aqui. Mas além destas, guardou também, por meio de fotocópias, os envelopes das correspondências recebidas, sumários de revistas, com artigos que lhe interessavam, vez por outra; discursos proferidos por ele próprio, dentre outros.

Voltando a Artières, ele destaca que guardamos papéis, fotos, boletos de pagamentos, dentre muitos outros para responder a uma injunção social.

⁵ RÊGO, Expedito. Possidônio, o esquecido. In: **Possidônio Queiroz**. Teresina: Fundação José Elias Tajra, 1995.14.

⁶ Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freire. GOMES, Ângela de Castro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005. p. 13.

⁷ BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 242.

Temos assim que manter nossas vidas bem organizadas, pôr o preto no branco, sem mentir, sem pular páginas nem deixar lacunas. O anormal é o sem-papéis. O indivíduo perigoso é o homem que escapa ao controle gráfico. Arquivamos, portanto, nossas vidas, primeiro, em resposta ao mandamento "arquivarás tua vida" - e o farás por meio de práticas múltiplas: manterás cuidadosamente e cotidianamente o teu diário, onde toda noite examinarás o teu dia; conservarás preciosamente alguns papéis colocando-os de lado numa pasta, numa gaveta, num cofre: esses papéis são a tua identidade; enfim, redigirás a tua autobiografia, passarás a tua vida a limpo, dirás a verdade.⁸

Mas guardamos tudo? Para responder a esta pergunta, considero que devemos olhar para nós mesmos, e lembrar de que existem acontecimentos, informações que nos afetam, fazemos questão de esquecer; dizendo de outro modo, manipulamos nossa existência: "omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, damos destaque a certas passagens", muito especialmente quando estes tais acontecimentos e informações provocam dor e sofrimento. Eugenia Meyer, de forma simples e direta, afirma que o historiador deve fazer o esforço para compreender a si próprio "[...] em nosso duplo desempenho como historiadores e protagonistas."⁹ Afinal de contas, fazemos parte de grupos sociais, no trabalho; frequentamos clubes sociais, lugares de sociabilidade. Simplificando: somos humanos como os atores sociais que transformamos em "sujeitos" e "objetos" de nossas pesquisas.

Guardamos tudo? Arquivamos tudo? Lembramo-nos de "tudo"? A resposta é não. Em relação à memória, mesmo a memória individual, resulta de coexistência tensional, e nem sempre pacífica com outras memórias e é avaliada sistematicamente e vive "[...] em permanente construção devido à necessidade de mudança do presente em passado e as consequentes alterações ocorridas no campo das re-presentações do pretérito."¹⁰ Giselle Martins Venâncio, por sua vez, afirma que o arquivo pessoal é sempre organizado para enunciar uma reflexão, uma história. "Ao longo da vida, muitos registros acumulados por um indivíduo são descartados e o resultado dessa ação é que se conserva

⁸ ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a Própria Vida/Ecrita de si/Ecrita da história. *Estudos Históricos*, 1998. 21.

⁹ MEYER, Eugenia. O fim da memória. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 22, nº 43, jan-jun 2009, p.31-44.

¹⁰ ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a Própria Vida/Ecrita de si/Ecrita da história. *Estudos Históricos*, 1998. 21.

apenas uma parte desses vestígios.”¹¹ Mesmo o velho jornalista, narrador de “Memória de minhas putas tristes”, Gabriel Garcia Marques, do alto dos seus noventa anos, não deve ter dito “tudo” sobre suas peripécias nos muitos bordeis que frequentou, “dormindo com mulheres descartáveis”.¹²

Ao iniciar a escrita desta comunicação, não tinha clareza das razões motivadoras do início da troca de cartas entre Possidônio e Anita. Esta trama começou a ganhar sentido quando localizei uma correspondência. Esta última endereçada a Arimatéa Tito Filho, presidente da APL, datada de 24 de janeiro de 1986, na qual a missivista informa: “Em meu poder a sua carta do dia 20, assim como a ‘Revista do Instituto Histórico de Oeiras’ com o artigo de Possidônio Queiroz. Sem dúvida, muito interessante esta matéria e de grande utilidade para mim.”¹³ A correspondência foi encontrada no acervo privado de Queiroz, havia sido reenviada pelo presidente da APL, que escreveu na parte inferior da carta: “Carta da filha de Luís Carlos Prestes.”¹⁴ Para mim, essa missiva provoca o início da correspondência entre os dois. Naquele momento os missivistas tinham interesse na passagem da Coluna Prestes pelo território do Piauí e por Oeiras.

O interesse de Anita Prestes foi manifestado em correspondência endereçada a Arimatéa Tito Filho:

Não quisera abusar de sua boa vontade, nem dar-lhe excessivo trabalho, mas certamente, se isso for viável, gostaria muito de receber a fotocópia - melhor seria ainda o próprio original – do mapa que a Coluna deixou em poder da família Tapety. Tenho a esperança de, algum dia, vir a criar um museu da Coluna Prestes. E um mapa destes seria de inestimável valor.¹⁵

No dia 16 de fevereiro de 1986, Arimatéa escreveu para Possidônio comunicando que procuraria Juarez Tapety: “[...] falarei a ele sobre o mapa da Coluna Prestes. Trata-se de Anita Leocádia Prestes, professora universitária no Rio.”¹⁶ Aqui está uma das razões para que “a professora universitária” estivesse interessada em manter

¹¹ VENÂNCIO, Giselle Martins. Memória guardada em papéis e livros. *Trajetos*. Revista de História UFC. Fortaleza, v. 3, n.6, 2005. p.67-84.

¹² GARCIA MARQUES, Gabriel. Memórias de minhas putas tristas. 18º ed. Trad. Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Record, 2008.

¹³ PRESTES, Anita Leocádia. Carta a Arimatéa Tito Filho. Rio de Janeiro, 1986.

¹⁴ PRESTES, Anita Leocádia. Carta a Arimatéa Tito Filho. Rio de Janeiro, 1986.

¹⁵ QUEIROZ, Possidônio. Carta a Anita Leocádia Prestes. Oeiras, 15 de fevereiro de 1987.

¹⁶ TITO FILHO, Arimatéa. Carta a Possidônio Queiroz. Teresina, 16 de fevereiro de 1986.

contato com alguém de Oeiras. Tentava obter um mapa que o Comando da Coluna Prestes havia deixado na cidade. Entretanto, quando a carta do presidente da APL chegou às mãos de Possidônio em Oeiras, este havia escrito no dia anterior para Anita Leocádia Prestes, e, como se pode constatar, não tratou do mapa:

Ilustre Professora,

Através do emérito Prof. Amigo, José Arimatéa Tito Filho, DD. Presidente da Academia Piauiense de Letras, tomei conhecimento de que a Colenda patrícia está escrevendo a história da Coluna Prestes, no Piauí(sic). Será um trabalho muito importante, importante colaboração aos fatos históricos de um período conturbado da vida brasileira, nos dias ominosos da primeira República.

Como é do conhecimento de V. Exa., escrevi ligeiro trabalho, lembrando a Coluna Prestes ao ensejo dos sessenta anos do cerco de Teresina. E falei também da ocupação de Oeiras pela mesma Coluna.

Agora, como subsídio modesto, rogo permissão para oferta-lhe uma foto do antigo palácio “João Nepomuceno”, onde esteve aboletado nesta cidade, o quartel general revolucionário. Neste prédio falei com o respeitável e famoso Chefe da Coluna, seu digno Pai.

Aí a foto do prédio histórico, de onde o renomado Chefe Militar, Luiz Carlos Prestes, comandou a célebre Coluna, durante uns oito dias, nos idos de julho de 1926. O local, com os serviços de urbanização da cidade, está hoje mudado. O aspecto externo do prédio é o mesmo.¹⁷

Observe-se que o tratamento dado à correspondente é de “Exma. Professora” e de “Ilustre Professora”, podendo significar o indicativo de que o autor da carta não conhecesse Anita Prestes, daí a forma cerimoniosa do tratamento.

Sob meu ponto de vista, o primeiro parágrafo é dedicado a esclarecer as razões que o levaram a escrever a carta para alguém que não conhecia pessoalmente; portanto, não mantinha relação pessoal. Informa que tomou conhecimento através de Arimatéa Tito Filho que a professora estava escrevendo sobre a Coluna Prestes; e, como registrado pela historiografia brasileira, deveria tratar da passagem dela pelo território do Piauí. Mesmo sem ainda conhecer o referido trabalho, antecipa sua avaliação, destacando: “será um trabalho muito importante, importante colaboração aos fatos históricos de um período conturbado da vida brasileira, nos dias ominosos da primeira República.”¹⁸

Possidônio se construiu/instituiu em Oeiras como o principal historiador da cidade. Suas práticas culturais dão conta disso, foi um dos fundadores do Instituto

¹⁷ QUEIROZ, Possidônio de Queiroz. Carta a Anita Leocádia Prestes. Oeiras 15 de fevereiro de 1987.

¹⁸ QUEIROZ, Possidônio de Queiroz. Carta a Anita Leocádia Prestes. Oeiras 15 de fevereiro de 1987.

Histórico de Oeiras e também seu presidente em duas oportunidades. Escreveu “ensaios” sobre a história do Piauí e de Oeiras, fez um programa de rádio numa emissora da cidade onde tratava de assuntos variados, mas tinha predileção por aqueles relacionados à história e ao cotidiano da Primeira Capital.

No segundo parágrafo, Possidônio registra que a professora tinha conhecimento de um escrito seu que trata da passagem da Coluna Prestes por Oeiras em 1926. A missiva de Anita Prestes, endereçada a Arimatéa Tito Filho, que, por sua vez, a reenviou a Possidônio, como já mencionado neste artigo, registra que a professora havia recebido um exemplar da Revista do Instituto Histórico de Oeiras. Queiroz informa que a motivação para a escrita do texto, chegado às mãos de Anita Prestes, teria sido a “comemoração” dos sessenta anos do cerco de Teresina pela Coluna Prestes. Finaliza destacando que tratou no mesmo texto da “ocupação de Oeiras pela mesma Coluna”.

Por fim, oferece a missivista recente uma fotografia do edifício que, no passado, havia recebido o nome de “Palácio João Nepomuceno”, mas o faz com muito cuidado, informando que era um “subsídio” modesto para as pesquisas de Anita Prestes sobre a Coluna Prestes. É necessário avaliar, de forma crítica, toda e qualquer documentação. No caso específico, questiona-se: – Como Possidônio Queiroz sabia que a representação fotográfica do lugar onde se instalou o comando da Coluna Prestes em Oeiras, ficando ali por mais de uma semana, era modesta para Anita? Informar que a foto era uma modesta contribuição pode ser pensada como uma estratégia, no sentido de iniciar e manter contato, uma vez que, naquela conjuntura, os missivistas tinham interesse em um assunto: – a Coluna Prestes. E reforça que, no Palácio fotografado, teve a oportunidade de conversar com Luís Carlos Prestes.

Apresenta-se como testemunha ocular da passagem da Coluna Prestes por Oeiras e acrescenta que conversou com Prestes. O envio da fotografia informa, intencionalmente ou não, que o autor da carta poderia se transformar em interlocutor privilegiado de Anita Prestes. Vivera os momentos de tensão da estadia da Coluna na cidade, conversara com Luís Carlos Prestes, havia escrito sobre o tema, e demonstra que pode ajudar nas pesquisas fornecendo dados, indicando sinais sobre o assunto.

Em 21 de fevereiro 1987, Anita Prestes escreveu para Possidônio informando que acabara de receber a carta da qual tratamos ainda há pouco. Manifesta o seu agradecimento pelo envio da fotografia:

Não tenho realmente palavras para expressar-lhe o meu reconhecimento por semelhante oferta, tão interessante e de valor inestimável para mim e para a pesquisa que venho desenvolvendo sobre a Coluna Prestes.

Posso assegurar-lhe que esta foto será incorporada à coleção iconográfica que possuo e que foi exposta ao público, aqui no Rio, por ocasião dos 60 anos do início da Coluna Prestes.

Se o senhor tiver alguma outra foto ou documento referentes à passagem da Coluna pelo Piauí, teria o maior interesse em obter uma cópia. Aliás, o Dr. Arimathéa (sic) tem me ajudado muito, enviando fotocópias de diversos textos sobre o assunto.

Com os melhores votos pela sua saúde, despeço-me com todo o respeito e consideração.¹⁹

Vejam como a manifestação é calorosa e demonstra, ao contrário do que pensava Possidônio, que a fotografia possuía valor “inestimável do ponto de vista pessoal, mas também para a pesquisa que realizava na ocasião”. Ao informar que a foto seria incorporada ao acervo pessoal, termina por tocar em um dos pontos nevrálgicos dos intelectuais, qual seja, o de que ele pode contribuir com o outro. Possidônio Queiroz passou sua vida inteira atendendo pedidos de pessoas ligadas à cidade, mas que moravam em outros lugares. Anita Prestes havia acertado em procura-lo, estava conseguindo um “auxiliar de pesquisa” com experiência e muita vontade de registrar a presença de Oeiras fora dos limites do Piauí.

Anita Prestes pede a contribuição de Possidônio para a pesquisa, mas comunica que já vem recebendo o apoio de Arimatéa Tito Filho, por meio do envio de cópias de documentos; fato que pode tê-lo motivado, uma vez que os dois intelectuais piauienses cultivavam o “hábito” de trocar correspondência há muito tempo. Acrescente-se que Possidônio Queiroz havia se tornado sócio correspondente da Academia Piauiense de Letras, razão para que “Possi” recebesse cartas, livros, boletins daquela instituição. A forma como Anita Prestes se despede de Possidônio já indica um dos modos de tratamento entre os intelectuais: “[...] despeço-me com todo o respeito e admiração”.

Sobre correspondência Ângela de Castro Gomes é da opinião que:

[...] é um gênero que possui inúmeras variações, tanto no contexto de sua produção, quanto no de sua recepção. De toda forma, quando se escreve uma carta, sempre se espera uma resposta, pois ela é, por excelência, um meio de comunicação. Cartas, muito frequentemente e

¹⁹ PRESTES, Anita Leocádia. Carta a Possidônio de Queiroz. Rio de Janeiro, de 1987.

enfaticamente, pedem cartas. Elas são, literalmente, letras em série: são co-responder a uma demanda que se exprime pela palavra escrita.²⁰

Em resposta à carta de Anita, Possidônio escreveu em 24 de março de 1987, informando que, apesar de ter feito diligências pela cidade, não conseguiu localizar nenhuma fonte que pudesse ajudar nas pesquisas de sua correspondente:

[...] estive conversando com pessoas aqui, sobre a Passagem da Coluna pela histórica Oeiras, mas ninguém me soube dizer nada. Infelizmente não tenho nenhuma fonte que registre o acontecimento importante que foi a marcha da célebre Coluna, nas suas andanças pelo Piauí, e sobretudo de sua passagem pela ex. – Capital da terra mafrensina. Tivesse, estaria nas mãos da digna e ilustre Patrícia, com muita honra para mim.

Na década de 1970, tivemos aqui, um pequeno jornal “O COMETA”, de que cheguei a ser diretor. Em o nº 9, de setembro de 1972, estampeei ligeira nota sobre a Coluna. Remeto-lhe, referido número do jornal, juntamente com esta, para conhecimento da ilustre Professora ANITA.²¹

Chama a nossa atenção o fato de Possidônio comunicar que andou pela cidade à procura de obter informações, nada conseguindo. É possível que não tenha conseguido documentos reveladores, fotos, enfim, rastros da passagem da Coluna Prestes por Oeiras, como pedido por sua correspondente. Entretanto, passa a relatar que publicou em um jornal nascido na década de 1970 sobre o assunto. Trata-se do jornal “O Cometa”,²² do qual “Possi” enviou exemplar à Profa. Anita Prestes.

Ao receber a carta, datada de 23 de março, e o exemplar de “O Cometa”, Anita Prestes responde a Possidônio declarando: “[...] posso assegurar-lhe que o seu depoimento é da maior importância para a pesquisa que venho realizando sobre a célebre Marcha da Coluna. Fico-lhe, pois, muito grata pela sua atenção.”²³ Esta carta foi respondida no dia 4 de abril de 1987. A partir de então, a comunicação entre os missivistas

²⁰ GOMES, Ângela de Castro. Introdução. In: Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freire. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005. p.8.

²¹ QUEIROZ, Posidônio Nunes de. Carta à Anita Leocádia Prestes. Oeiras 24 de março de 1987.

²² *O Cometa* veio ao mundo através de sua primeira edição em março de 1971. Foi apresentado ao público como sendo um órgão de *divulgação e cultura*, tendo em sua direção José Expedito de Carvalho Rego, e como colaboradores permanentes *Possidônio Queiroz* e Costa Machado. O Cometa não pode ser relacionado como órgão da grande imprensa, o que não significa dizer que ocupando o lugar social de historiador não devemos interrogar sobre como se situam os intelectuais que organizaram e fizeram o jornal enquanto empreendimento midiático. Cf. NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Oeiras no rastro do Cometa.

²³ PRESTES, Anita Leocádia. Carta a Possidônio Nunes de Queiroz. Rio de Janeiro, 23 de março de 1987.

diminuiu, mas havia uma razão. Uma carta de Possidônio, respondendo a Arimatéa Tito Filho denuncia isso. “Estou acusando em meu poder a sua missiva de 07 do corrente mês. Ciente e muito grato pela comunicação de que o líder LUIZ CARLOS PRESTES estará aqui, em Oeiras, no domingo, 26 deste mês de julho.”²⁴ Na mesma correspondência “Possi” registra que tomou conhecimento, através de visita à sua residência do presidente do Instituto Histórico de Oeiras, Ferrer Freitas e da professora Rita de Cássia Campos, que Prestes estaria acompanhado de sua filha Anita Leocádia Prestes.

Notícia também que soube, ao ler O Dia, diário publicado em Teresina, ter sido escolhido o orador oficial da solenidade que recepcionaria Luís Carlos Prestes em Oeiras:

Tomei conhecimento da indicação do meu nome, como sendo a pessoa que saudaria ao ex. general revolucionário LUIS CARLOS PRESTES através de nota inserta em “O DIA”. Conquanto muito honrosa incumbência, gostaria que a mesma tivesse sido outorgada a oradora oficial do Instituto Histórico de Oeiras, a Profa. Raimunda Araújo Torres. Digo isso ao Mestre caríssimo porque não se deve, a meu ver, afastar das funções aqueles a quem, por escolha da Entidade cabem esta ou aquela dignidade. Até mesmo para evitar amor próprio ferido.²⁵

Possidônio, em razão de morar em uma cidade pequena e com muitas pessoas que possuíam laivos de intelectualidade, além da indicação de que “usurpava” o lugar do orador oficial do IHO, temia que pudesse criar constrangimentos; no entanto, não se omite de informar que ficara honrado com a escolha do seu nome. Registrar que tinha ficado incomodado pode ter sido uma estratégia para criar ciúmes. Não saberia dizer se ter sabido que seria o orador oficial na recepção de Prestes através da leitura de um jornal também não teria sido uma forma de manifestar o seu desagrado. Registra ainda que até o momento da escrita da carta em tela não sabia o que dizer a não ser “manifestar a satisfação de Oeiras em receber Prestes e sua filha Anita Leocádia”.

O convite feito ao “Cavaleiro da Esperança”, estendido à filha Anita Prestes foi assinado pela Ordem, por Pedro Ferrer Mendes de Freitas, Presidente do Instituto Histórico de Oeiras, por Benedito de Carvalho Sá, Prefeito Municipal de Oeiras e José de Arimathéa Tito Filho, Presidente da Academia Piauiense de Letras. Foi datado de 24 de junho de 1987:

Ao tempo em que cumprimentamos V. Exa., temos o especial prazer de convidá-lo, e à sua ilustre filha, historiadora Anita Leocádia, a visitarem

²⁴ QUEIROZ, Possidônio. Carta a Arimatéa Tito Filho. Oeiras, 20 de julho de 1987.

²⁵ QUEIROZ, Possidônio. Carta a Arimatéa Tito Filho. Oeiras, 20 de julho de 1987.

este Estado, nos dias 25 e 26 do próximo mês de julho, em programação prevista para as cidades de Oeiras, Teresina e Monsenhor Gil (antiga Natal), sendo que esta, em 1925/1926, quando da passagem de V. Exa. Pelo Piauí, pertencia ao município de Teresina.

O convite ora formulado vem a propósito disso, ou seja, a passagem de V. Exa. Pela primeira capital do Piauí bem assim pela antiga Vila Natal, há mais de sessenta anos, à frente da Coluna Prestes [...]

Na expectativa de um seu pronunciamento, aproveitamos o ensejo para apresentar a expressão do nosso elevado apreço.²⁶

O convite foi aceito. No dia 26 de julho de 1987, Prestes e sua filha compareceram à sessão solene, realizada no Cine-Teatro-Oeiras. As principais autoridades da cidade estavam presentes. Prestes inicia o seu discurso de agradecimento registrando: “[...] é a primeira vez que participo de solenidade como esta. Sou muito habituado a receber ataques e insultos. Pela primeira vez recebo uma homenagem desta natureza, que a mim não pode deixar de comover muito. As homenagens aqui prestadas permitam-me que eu as transfira aos meus soldados da coluna.”²⁷

Possidônio Queiroz ao receber Luís Carlos Prestes destaca que

A vossa vinda a Oeiras é motivo de satisfação para a ex-Metrópole do Piauí. Vossa Presença, hoje, na cidade invicta onde o Piauí nasceu, ficará registrada nos anais dos acontecimentos marcantes da vida de nossa terra, como fato histórico, a guardar-se para a posteridade.

Já estivestes aqui, Senhor, em permanência mais demorada que a de agora. Nos idos de 1926, pelo mês de julho, quando a Nação se estorcia, gemendo, sob as tenazes de um governo de exceção [...].²⁸

Reiniciada a comunicação por meio de cartas, Possidônio Queiroz escreveu à Anita Leocádia Prestes, no dia 8 de agosto de 1987. Noticia o recebimento de uma missiva do início do mesmo mês, e agradece pelo envio de fotografia que registrou sua imagem ao lado de Luís Carlos Prestes em Oeiras.

As cartas empregadas na construção deste texto registraram a comunicação entre intelectuais que moravam em cidades distintas, trabalhavam na formação de pessoas, eram professores e pesquisadores. Trocaram cartas, mas também livros, jornais, revistas

²⁶ FREITAS, Pedro Ferrer Mendes de Freitas. Instituto Histórico de Oeiras. Revista do Instituto Histórico de Oeiras. Oeiras, nº 09, 1987. p. 21.

²⁷ PRESTES, Luís Carlos. Comandante Luís Carlos Prestes no Instituto Histórico de Oeiras. Revista do Instituto Histórico de Oeiras. Oeiras, nº 09, 1987. p. 21.

²⁸ PRESTES, Luís Carlos. Comandante Luís Carlos Prestes no Instituto Histórico de Oeiras. Revista do Instituto Histórico de Oeiras. Oeiras, nº 09, 1987. p. 21.

e afagos. Participaram de uma rede de sociabilidade que parecia impossível, uma vez que a Profa. Anita Prestes mora e trabalha na cidade do Rio de Janeiro. Possidônio Queiroz morava em Oeiras, uma pequena cidade encravada no sertão do Piauí; mas um acontecimento marcante na história do Brasil, a formação e a trajetória da Coluna Prestes os uniu. O interesse dos dois pelo tema, por razões distintas, determinou a trama desta comunicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a Própria Vida/Escrita de si / Escrita da história. In: **Estudos Históricos**, 1998.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

FREITAS, Pedro Ferrer Mendes de Freitas. Instituto Histórico de Oeiras. **Revista do Instituto Histórico de Oeiras**. Oeiras, n. 9, 1987.

GARCIA MARQUES, Gabriel. **Memórias de minhas putas tristes**. 18. ed. Trad. Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Record, 2008.

GOMES, Ângela de Castro. **Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freire**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005.

MEYER, Eugenia. O fim da memória. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 22, n. 43, p. 31-44, jan./jun. 2009.

MUNSLOW, Alun, **Desconstruindo a história**. Trad. de Renata Gaspar Nascimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

PRESTES, Anita Leocádia. Carta a Arimatéa Tito Filho. Rio de Janeiro, 1986.

PRESTES, Anita Leocádia. Carta a Possidônio Nunes de Queiroz. Rio de Janeiro, 23 de março de 1987.

PRESTES, Luís Carlos. Comandante Luís Carlos Prestes no Instituto Histórico de Oeiras. **Revista do Instituto Histórico de Oeiras**. Oeiras, n. 9, 1987.

QUEIROZ, Possidônio. Luís Carlos Prestes. **Revista do Instituto Histórico de Oeiras**. Oeiras, n. 9, 1987.

_____. Carta a Anita Leocádia Prestes. Oeiras, 15 de fevereiro de 1987.

_____. Carta à Anita Leocádia Prestes. Oeiras 24 de março de 1987.

_____. Carta a Arimatéa Tito Filho. Oeiras, 20 de julho de 1987.

RÊGO, Expedito. Possidônio, o esquecido. In: **Possidônio Queiroz**. Teresina: Fundação José Elias Tajra, 1995.

TITO FILHO, Arimatéa. **Carta a Possidônio Queiroz**. Teresina, 16 de fevereiro de 1986.

VENÂNCIO, Giselle Martins. Memória guardada em papéis e livros. **Trajetos. Revista de História UFC**. Fortaleza, v. 3, n. 6, p. 67-84, 2005.

